



ENCONTROS **DEMOCRÁTICOS** CICLO DE DEBATES

ABUSOS SEXUAIS E A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Palestras de
ÂNGELA LUPO e BEATRIZ PAKRAUSKAS



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

“É preciso compromisso contra o abuso sexual de crianças”

O combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes é um tema que ganhou muita relevância no Brasil nas últimas décadas, mas é preciso que cada pessoa assuma o compromisso de levar à frente essa preocupação. Essa foi a ideia central do encontro realizado em maio de 2019 pelo Espaço Democrático em conjunto com o PSD Mulher.

Com a participação da dirigente nacional do PSD Mulher, Alda Marco Antonio, e a coordenação da senadora suplente Ivani Boscolo, o encontro teve palestras da psicóloga Ângela Lupo, do Ambulatório de Violência Sexual e Aborto Legal do Hospital Pérola Byngton, e da assistente social Beatriz Pakrauskas, especialista em proteção e prevenção à violência doméstica contra a criança e o adolescente da Faculdade Paulista de Serviço Social.

Beatriz destacou a importância de conhecer o passado “para não repetir erros” e fez um relato do processo que levou a sociedade brasileira a tomar consciência da gravidade do problema. Por sua vez, a psicóloga Ângela relatou sua experiência no atendimento de vítimas de abuso e apresentou informações sobre os tipos de abusos sofridos pelos pacientes, sobre as formas de identificar casos de abuso e ações preventivas que podem ser adotadas pelas famílias. “O mais importante, porém, é o diálogo e o exemplo”, concluiu.

Boa leitura.



ALDA MARCO ANTONIO: Minhas amigas, meus amigos. Quero, em primeiro lugar, agradecer ao Espaço Democrático pelo apoio e agradecer pela participação das duas palestrantes de hoje, Ângela Lupo, que não gosta de ser chamada de doutora, embora seja, psicóloga, e a Beatriz Pakrauskas. Nós estamos na semana da luta de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes e fomos buscar duas especialistas que estão com a mão na massa, pois recebem as vítimas, para nos darem um panorama dessa dolorosa questão. Para mim, que já trabalhei muito com vítimas de pedofilia, é uma dor que não se esgota. Acho que uma criança que passa por isso vai sentir dor todos os dias. É um crime muito, muito pesado. Então, nós vamos tratar de um assunto que é muito importante para nós, mulheres, porque no dia em que as mulheres forem independentes e fortes, vão entender quando se passa algo de muito errado com os seus filhos e vão saber dar o tratamento adequado.

Agora eu passo a coordenação dos trabalhos para a nossa companheira, senadora suplente Ivani Boscolo, que tradicionalmente é quem comanda todos os debates no PSD Mulher. Nós teremos as duas palestras e em seguida o debate. Ivani, o comando é seu.



IVANI BOSCOLO: Boa tarde para todas e a essas palestrantes que a gente recebe com muito carinho. Depois que elas falarem nós abriremos para perguntas. Vamos começar com a Beatriz.

BEATRIZ PAKRAUSKAS: É um prazer e uma honra estar com todos vocês aqui nesse Espaço Democrático, especialmente nesta semana, porque o tema da prevenção do abuso sexual é super urgente. Nós fizemos a seguinte divisão: primeiro teremos um enfoque social, que é o meu - sou assistente social, trabalho no Ambulatório de Violência Sexual do Hospital Pérola Byington. É a primeira parte. E a segunda parte será a do enfoque psicológico, com a Ângela, que é psicóloga e minha colega.

Ao tratarmos de prevenção, é importante ir ao passado histórico para entender melhor o problema que queremos prevenir. As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por uma crescente mobilização social contra a violência sexual contra crianças e adolescentes. Vários movimentos nacionais e internacionais, ONGs e grupos ligados à religiosidade trabalhavam na defesa de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Isso é significativo, pois naquelas décadas essa luta entrou na agenda da sociedade civil. Nesse processo, a gente tem que destacar a nossa Constituição de 1988, que tem muitos elementos de direitos, a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, de 1989, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990.

Dentro das ONGs que trabalhavam nessas décadas de 1980/1990, a defesa da criança era algo muito forte e o Estado de São Paulo foi pioneiro nos primeiros serviços especializados na defesa das crianças. Na época, as palavras usadas eram "maus tratos" na infância, não sei se vocês se recordam. O CRAMI (Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância), de Campinas, criado em 1985, foi a primeira agência no Brasil a trabalhar contra a violência na infância e isso é importante a gente resgatar. Eu sempre falo que é importante resgatar o passado porque senão corremos o risco de repetir os erros. Temos que conhecer o nosso passado, as coisas boas, e saber para onde vamos.



E ainda dentro desse passado, é importante destacar uma Comissão Parlamentar de Inquérito de 1993, que ficou conhecida com este nome - que a gente não usaria hoje - CPI da Prostituição Infantil.

Com essa CPI, a agenda, que era da sociedade civil, passa a ser abraçada pelo Estado. Então, o governo incorpora essa necessidade de proteção e defesa da criança nos seus planos, nos seus projetos, em políticas públicas. E dentro desse abraço estatal se criaram organismos de defesa. Eu destaco aqui a criação do Conanda - Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, fato muito significativo, e o primeiro Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-juvenil, de 2000. Depois, os Estados e municípios passaram a fazer seus próprios planos de defesa das crianças.

Por falar nos municípios, eu me sinto muito honrada de estar aqui porque trabalhei no primeiro SPVV - Serviço de Proteção às Vítimas de Violência - da cidade de São Paulo, que foi criado no bairro da Freguesia do Ó. E quem inaugurou o

serviço foi essa querida Alda Marco Antonio, que está aqui conosco. Foi uma honra muito grande ter sido convidada por ela. Eu pensei: "Nossa, eu estava naquele primeiro serviço". Esse foi o pioneiro e depois foram criados vários outros serviços. Então, a gente pode entender que houve uma mudança de paradigma. A defesa da criança e do adolescente estava na agenda da sociedade civil e passou para o Estado, que incorporou essa demanda, que era uma realidade. Acho que esta frase atual representa muito bem essa mudança de paradigma: Abuso sexual não tem desculpa, tem lei.

Vou citar somente dois dados que dão uma apresentação de como o problema é sério e grave, e porque devemos ter isso sempre nas nossas mentes, em todos os nossos trabalhos. No mundo, na sociedade, a criança e o adolescente sempre vão ser as principais vítimas em situação de conflito numa comunidade ou na família. Eles estão em constante risco social, dependendo do que nós fazemos do nosso mundo. Em 2016 - é uma das estatísticas mais recentes - de todos os estupros que aconteceram no Brasil, 50,9% foram de crianças e adolescentes até 13 anos. Isso é muito grave. E de todos os estupros coletivos que aconteceram em 2016, 43,7% foram sobre crianças e adolescentes. Então, é muito gritante.

Existem dois tipos de registros. Quando a gente olha para toda essa violência, existe o registro que está na polícia, é o registro dos boletins de ocorrência, e existe o registro do SUS. O SUS faz registros, análises e notificações. Então, vocês vão ver como muitas vezes são desiguais esses registros. Em 2016, foram registrados pela polícia 49.497 casos de estupros. Pelo SUS, 22.918. Nós sabemos que, se formos olhar outras sociedades, em outros países, a porcentagem de sub-notificações é grande. Então, se fizermos essa mesma conta comparativa no Brasil, a gente vai enlouquecer pensando em quantos casos não chegaram à polícia nem chegaram ao SUS.

Mas é interessante nessa análise que as pessoas não entendem que a violência também é uma questão para os serviços de saúde. As pessoas correm para a polícia e esquecem que é preciso cuidar da vítima. E esse é um trabalho que a Saúde faz. Existe o trabalho de prevenção, existem os primeiros-socorros, existe uma série de serviços que a Saúde faz e as pessoas não conhecem. Sempre as pessoas estão pensando na responsabilização e se esquecem do cuidado. Para a gente tratar a violência, tem que ter os dois braços. Eu falo isso para todos os pais, para todas as mães que atendo. Não tem que ficar pensando só em vingança nesse momento. E o que nós vamos fazer com essa criança? Nós temos que tratar dela também. Então é o braço da responsabilização e o braço do cuidado.

Só para a gente perceber a dimensão do problema, cito aqui um dado de 2018: uma estatística que foi feita de janeiro a novembro daquele ano comprovou que naquele período houve 3.349 casos de estupro coletivo. É algo muito significativo, gritante. Muitas pessoas acham que isso é coisa de televisão - e não é.

Bem, olhamos o passado, agora vamos olhar para o futuro - e penso que esta frase é muito representativa do que tem que ser a nossa vida: "Mude, mas comece devagar porque a direção é mais importante que a velocidade". Eu acredito que é por aí. Nós temos que saber para onde nós vamos, que modelo de sociedade nós temos e queremos construir.

Nós temos alguns organismos internacionais que funcionam como faróis, estrelas, são organismos que trabalham há longas décadas pela humanidade e elas nos dão algumas direções sobre o que seria preciso fazer para o mundo ficar melhor. A ONU e a Organização Mundial da Saúde têm uma agenda para 2030 que apresenta 17 objetivos para transformar o mundo. Eu tirei três desses objetivos, que contemplam o trabalho de

HÁ UM QUADRINHO DA MENINA MAFALDA, AQUELA PERSONAGEM DO CARTUNISTA QUINO, EM QUE ELA DIZ: "JUSTO A MIM ME COUBE SER EU?" QUER DIZER, EU TENHO DE SER PROTAGONISTA? É A NOSSA CARA, HOJE, NÃO É? A GENTE SE OLHA, OLHA PARA ESSE MUNDO E PENSA... "NOSSA, MAS QUE GERAÇÃO É ESSA? QUE MUNDO É ESSE? ÀS VEZES A GENTE NEM SE RECONHECE. EU TENHO QUE ASSUMIR O PROTAGONISMO? TENHO, EU TENHO QUE ASSUMIR O PROTAGONISMO".

Beatriz Pakrauskas

ajuda e de prevenção em defesa da criança e do adolescente. O número 3 faz referência somente à saúde: "Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos e em todas as idades. O número 5 trata da igualdade de gênero: "Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas". Por quê? Porque 80% das vítimas sexuais são mulheres. E o número 16, que fala de paz, justiça e instituições eficazes, tem um item, o 16.2, que tem uma meta: "Acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças".

Essas são pistas para o mundo, não é algo só para o Brasil. É importante a gente perceber que nós estamos numa humanidade que violenta a infância. Há um quadrinho da menina Mafalda, aquela personagem do cartunista Quino, em que ela diz: "Justo a mim me coube ser eu?" Quer dizer, eu tenho de ser protagonista? É a nossa cara, hoje, não é? A gente se olha, olha para esse mundo e pensa... "Nossa, mas que geração é essa? Que mundo é esse? Às vezes a gente nem se reconhece. Eu tenho que assumir o protagonismo? Tenho, eu tenho que assumir o protagonismo. Não é por acaso que vocês estão aqui, que as pessoas estarão nos escutando pela internet. Quem está nos escutando, quem está aqui vendo já tem o compromisso de passar esse conhecimento. Nós somos multiplicadores, nós temos que levar esse conhecimento. Eu tenho que passar isso para a frente, eu tenho que fazer a diferença, nós temos que ser protagonistas. Essa frase me provoca muito isso. "Justo a mim me coube ser eu?" Eu, Beatriz, tenho que ser eu? Aqui, nesse momento histórico, aqui, com vocês, eu só posso falar de defesa da criança.

Mas para defender, a gente tem que entender alguns conceitos. Eu vou pincelar alguns e depois a Ângela vai trabalhar de outra forma. Vamos pensar num guarda-chuva bem grande. Esse guarda-chuva

se chama violência doméstica. Embaixo do guarda-chuva, nós vamos encontrar alguns elementos. O que é a violência doméstica? É todo ato ou omissão capaz de causar danos de natureza física, sexual ou psicológica. Um grande guarda-chuva. Embaixo do guarda-chuva da violência doméstica nós vamos colocar cinco elementos: a negligência, o abandono, a violência psicológica, a violência física e o abuso sexual. E o que é o abuso sexual? É toda ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal. Ou relações sexuais com o uso da força, da manipulação, chantagem, pressão, ameaças, que são mecanismos que anulam ou limitam a vontade da outra pessoa.

É importante perceber que existem três modalidades de violência sexual contra crianças e adolescentes. A primeira, que é a intrafamiliar; a extrafamiliar; e a exploração sexual e comercial. Vamos entender que a intrafamiliar não é somente feita por pessoas consanguíneas, é feita também por agregados. O intrafamiliar significa pessoas agregadas. Minha avó casou, então esse avô faz parte do intrafamiliar. São pessoas que a gente vai agregando à família principal. Extrafamiliar: escola, transporte escolar, transporte urbano, na rua, num clube, existem espaços onde se realiza essa violência contra a criança e o adolescente. Exploração sexual comercial é quando alguém ganha dinheiro sobre o corpo de uma criança ou adolescente. Alguém vende fotos, alguém vende aquela criança, leva para algum lugar. Então, é uma visão bem comercial sobre o corpo da criança e do adolescente.

E o abuso sexual nós entendemos como toda situação em que alguém vai buscar gratificação sexual em uma criança ou adolescente. Podem ser vários tipos de gratificação sexual. A Ângela vai falar disso, em complemento. É importante entender a relação assimétrica. Eu sou adulto, mais velho, eu tenho poder econômico, o poder da decisão, o poder naquele momento. E a criança

sempre está em relação a obedecer, à submissão, a aguentar aquela situação. Então, é uma relação assimétrica. É isso que é significativo.

Em 2017, chegaram para nós, pela Organização Panamericana de Saúde, algumas pistas de como podemos fazer para melhorar, para proteger, prevenir, para cuidar da criança e do adolescente que está em situação de violência sexual. Essas listas foram elaboradas por 10 organizações que de longa data trabalham na defesa da criança. Eu quis trazer porque muitas vezes essas coisas ficam todas engavetadas na internet e a gente não fica sabendo disso. São pistas para organizar uma política pública. O primeiro elemento destaca sete estratégias. A primeira estratégia está ligada às leis. Nós precisamos organizar leis de defesa da criança e do adolescente. Isso é urgente. Não podemos deixar que quem abusa, quem maltrata, fique ileso. A gente tem que organizar leis que combatam isso, porque se a gente deixa pra lá, a pessoa segue repetindo o que ela sempre faz.

O segundo elemento é o costume, a cultura. Nós temos que mudar a nossa cultura, temos que mudar o jeito de se relacionar. No dia a dia, temos de ser pessoas inclusivas, temos que ser tolerantes, abandonar até traços machistas, misóginos, do vocabulário. Temos que abandonar isso no dia a dia, porque senão não vamos criar uma sociedade mais igual.

O terceiro elemento fala em criar espaços de segurança. Que espaços de segurança nós temos? Tem algum parque em alguma comunidade - e às vezes é uma comunidade de risco, onde existe uma série de violências - o que a gente está fazendo para que esse espaço seja de segurança? Divulgação de imagens violentas. O povo divulga muito. A gente não deve divulgar imagens violentas. Isso faz parte de criar uma cultura.

Quarto elemento: o suporte à família. Muitas vezes a família não tem suporte, como uma visita domiciliar, uma orientação parental de como lidar

com aquele adolescente que está muito violento. Transferência de renda e sustentabilidade: nós temos, realmente, situações de muita vulnerabilidade social em que as pessoas passam muita necessidade. Então, não tem como a gente falar de uma reestrutura das relações se a gente não trabalhar alguns elementos para a sustentabilidade dessas famílias.

Suporte técnico: a coisa que a gente mais trabalha na busca é o suporte técnico. Onde tem serviços que vão ajudar um adolescente, onde tem uma psicoterapia, onde tem uma psicoterapia em família, onde tem certos serviços de apoio, uma reeducação. Muitas vezes a gente luta para conseguir esses espaços. O que me salva a pátria, hoje, onde eu trabalho, é o SPVV (Serviço de Proteção Social à Criança e Adolescente Víctima de Violência), que salva muitas crianças e adolescentes que precisam desses espaços na comunidade para trabalho com a família e com eles.

E o quinto elemento é entender a educação não só como sala de aula, mas educar para a vida, educar para valores, educar para a ética. São as pistas do Inspire, um documento que está na internet. É bem válido conhecê-lo. Eu fiz um resumo do resumo.

Bem, nesta semana temos o dia 18 de Maio, que é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente. Então, nacionalmente nós organizamos vários eventos. Toda organização que trabalha com criança monta um painel, ou uma passeata. Esse dia tem que ser um dia de todo mundo pensar: que ação eu posso promover, o que eu estou fazendo que eu não estou vendo, existe abuso ou não existe? Porque eu falei para vocês, os números são imensos. Por que eu nunca escutei ninguém falando sobre isso? Então é importante. Agora, o 18 de Maio é significativo em qual aspecto? Foi o dia da morte da Aracely. A morte da Aracely, senão me engano, é 18 de maio de 1973 - pode ser que no ano eu esteja errada. É uma garotinha que morreu brutalmente abusa-

da, maltratada... Horrível. Vocês podem procurar na internet. Existe a história, fotos. Então, para que nenhuma criança seja mais uma Aracely é importante a gente sempre falar desse 18 de Maio. Eu agradeço muito a atenção de vocês, foi um prazer.



ÂNGELA LUPO: Eu quero agradecer à doutora Alda Marco Antonio por mais esse convite e a todos vocês que estão aqui, porque é um assunto bem importante a prevenção do abuso da criança e do adolescente. A gente trabalha com as crianças que já vêm abusadas. Eu sou Ângela Lupo, psicóloga, trabalho no Ambulatório de Violência Sexual do Hospital Pérola Byington e atendo crianças de 7 a 12 anos. Essas crianças são o meu foco. Então, vou falar um pouco sobre o trabalho e o que a gente vê muito por lá. As crianças que sofrem violência ficam machucadas, caladas e devastadas para a vida, não é só no momento da agressão, por isso a gente tem que pensar em prevenção.

Abuso sexual - como a Bia já deu o conceito, eu vou falar um pouco do que acontece. E vamos por item:

Prevalência - é maior em meninas. Aparecem lá no ambulatório 2,9 meninas para cada menino e eu me questiono: por que há menos meninos? Será que é por conta do preconceito? Por conta de: "Ah, se ele foi abusado sexualmente ele vai ser homossexual". Há mães que têm muito preconceito. E além de tudo lá é o Hospital da Mulher, então como é que vai lá um menino? A gente atende meninos de até 13 anos, mas é o Hospital da Mulher, fica difícil.

Violência - quanto mais jovem a vítima, menos agressiva é a violência sexual. Isso entra no que a Bia tinha falado sobre a violência intrafamiliar. Normalmente acontece com familiares, com o pai, o padrasto, e o abuso vem de forma sutil até chegar à conjunção carnal. A gente fala em conjunção carnal porque o tema relação sexual sugere um consentimento - e não há consentimento no caso de um abuso sexual. E o abuso é crônico porque, quando ele é intrafamiliar, as crianças passam longos anos da vida sendo abusadas. Eu atendo só crianças de 7 a 12 anos e em 90% dos casos o pai é o agressor.

A maior prevalência é de agressores próximos. É a desigualdade de poder entre adultos e crianças. A violência sempre tem a ver com poder. Eu não acho que tem a ver com sexo, tem a ver com a questão de submeter o outro ao desejo dele. Aí eles escolhem as crianças porque elas não têm defesas. Normalmente são escolhidas, entre outras, as crianças mais vulneráveis, com autoestima baixa, que são mais suscetíveis, que têm menos defesas.

Mito - Isso eu acho muito importante. As pessoas acreditam que é necessária a conjunção carnal para a caracterização do abuso. Por isso eu vou falar de outros tipos de abuso - e não apenas de conjunção carnal - para ficarmos atentas, porque o primeiro passo para prevenir é a conscientização. A gente sabendo o que é e o que significa, a gente pode prevenir.

Tipos de abuso - Tem com contato físico e sem contato físico. Sem contato físico seriam chantagens, ameaças. A gente vê muito assim: "Se você contar para a sua mãe, você sabe que vai acontecer um monte de coisa. Olha, eu vou matar você. Eu vou matar primeiro a sua mãe e depois você". Então, tem muita ameaça.

Conversa de assédio é considerada abuso sexual - e se houver uma criança passando por isso, tem que denunciar. Telefonemas obscenos, mostrar genitais, masturbar-se, ficar olhando a criança com desejos, tudo que tem conotação sexual é abuso sexual. Também é abuso mostrar conteúdo pornográfico através da internet, fotografias e filmagens de cunho ou de conteúdo erótico. Eles pedem para a criança fazer uma pose sexy, ou filmam fazendo abuso, tudo isso é crime.

A pornografia de vingança acontece mais entre os adolescentes. Vamos supor que uma adolescente está namorando e na relação de confiança ela manda um nude. Nude é uma foto do corpo sem roupa ou do órgão genital. E aí, quando termina a relação, o menino espalha na rede social, aquilo viraliza e aí acontecem muitos problemas, até tentativas de suicídio, porque na realidade ela mandou a foto em confiança para ele. Divulgar essa fotografia é crime, tem que ser denunciado.

Com contato físico - Muitas vezes as pessoas chegam e dizem para a gente: "Ah, mas ele só beijou". Não é "só" beijou, ele não pode fazer isso. Carícias, beijo na boca, sexo oral, tentativa de relação sexual e penetração - tudo isso é crime e tem que ser denunciado.

Principais sintomas - Eu vou falar alguns, mas existem vários. Eu pensei em falar dos sintomas porque a gente tem que olhar para as crianças e para os adolescentes, porque se a gente não olhar, não perceberá o que ocorre. Então, acontece o seguinte: quanto menos violência a criança sofrer, menos pior será o prognóstico - aquilo que vai acontecer com ela depois. Portanto, se a gente



A MAIOR PREVALÊNCIA
É DE AGRESSORES PRÓXIMOS. É A
DESIGUALDADE DE PODER ENTRE
ADULTOS E CRIANÇAS. A VIOLÊNCIA
SEMPRE TEM A VER COM PODER. EU
NÃO ACHO QUE TEM A VER COM
SEXO, TEM A VER COM A QUESTÃO DE
SUBMETTER O OUTRO AO DESEJO DELE.
AÍ ELES ESCOLHEM AS CRIANÇAS
PORQUE ELAS NÃO TÊM DEFESAS".

Ângela Lupo

perceber o abuso no início, será menos pior o que a criança sofrerá depois.

Quanto mais próximo o agressor, pior será o prognóstico. Por isso é preciso ficar de olho para poder prevenir. E um dos sintomas é o isolamento: a criança vem bem, vem se desenvolvendo bem e de repente se isola. Então, a gente tem que prestar atenção, perguntar o que está acontecendo, porque ela está isolada. Normalmente, ela não vai se manifestar, vai se fechar, mas tem que ficar de olho.

Também podem ser sintomas a enurese e a encoprese: isso é xixi na cama e escape de cocô. O que acontece? Como o agressor tem poder sobre o corpo dela, a criança perde o poder sobre seu próprio corpo e aí acontece o escape do xixi e do cocô, como uma forma de mostrar que ela está sem poder sobre seu corpo.

Outro sintoma: regressão ou paralisação do desenvolvimento emocional cognitivo. Então, vamos supor, a criança vem bem na escola e aí, de repente, cai o rendimento escolar. Parece algo sem causa, a troca do nada, não houve uma separação dos pais, não houve algum trauma na família, o que será que está acontecendo?

Também cito a hesitação. A criança e o adolescente começam a falar assim: "Vamos na casa da vovó". "Não, não quero ir". "Por que você não quer ir?". "Ah, não quero ir". E aí a mãe, normalmente pensando do outro lado, diz: ah, não, você tem que ir, é sua avó, o seu avô, eles gostam de você e a criança vai e fica se submetendo à violência. Então, a gente tem que prestar atenção no que a criança fala, é dar ouvidos mesmo.

Ansiedade de separação é um termo que a gente usa em Psicologia para definir o medo da criança se separar da figura de apoio, de uma mãe, uma cuidadora. Ela fica com muito medo de se separar porque aquela figura seria a pessoa que poderia protegê-la. Ela não quer ficar sozinha. Ela tem medo de ir para a escola, começa a querer dormir com a mãe e assim por diante.



Alteração do sono - A criança começa a ter pesadelos, ou tem dificuldade para dormir e aí quer dormir com a mãe. É preciso atenção a isso também.

Alteração alimentar - O que eu pego mais lá das crianças é uma compulsão alimentar, mas provavelmente, se elas não forem tratadas na vida adulta, vão ter um transtorno alimentar - anorexia, bulimia - que também é uma questão de controle sobre o corpo. Como o corpo dela foi violado, então é uma forma de mostrar: eu tenho poder sobre o meu corpo e eu vou parar de comer, ou vomitar e livrar minha alma daquele pecado que eu cometi - lembrando que a culpa não é da criança, é como ela se sente.

Agressividade - Às vezes elas ficam mais agressivas. Não é comum uma criança saudável, sem violência, desenhar criança com órgãos sexuais. Então, se ela começa a desenhar, tem que prestar atenção. Eu comecei a fazer um trabalho - porque psicólogo adora um desenho - e peço sempre o desenho da família e história. E em 100% dos meus casos - eu faço um paralelo com um colega que trabalha com a violência doméstica - 100% dos meus casos em que o agressor é o pai, as crianças não desenham o pai na família. E na violência doméstica que ele atende as crianças desenham, não 100%, mas elas desenham mais do que na violência sexual. É uma coisa para pensar.

Elas querem matar esse pai, é como se eles não existissem na família, porque é uma coisa muito pesada para ela lidar.

Hipersexualização - A criança começa a querer usar batom vermelho, tirar foto mais sensual. Não é do universo infantil tirar foto mais sensualizada, tem que ver o que está acontecendo.

Então, se a gente olhar melhor para a criança e começar a ver essas alterações, pode ser que a gente evite muita coisa.

Sobre o agressor - Eu sempre gosto de falar sobre o agressor porque a gente tem que conhecer o inimigo. São pessoas comuns, gentis, simpáticas, atenciosas e sedutoras. Eu sempre falo que o agressor mora no homem comum. Ele pode ser qualquer um, ele não tem cara. "Aquele cara é um agressor". A gente não sabe. Eles são bonzinhos, gentis e têm que ser bonzinhos para continuar seduzindo. O que eles fazem é pensado. Necessitam dessa máscara de simpatia para terem acesso às vítimas e aos familiares. Como eles fazem tudo pensado, são simpáticos porque eles têm um interesse. Precisam parecer normais para evitar a exposição e executam uma lavagem cerebral na criança. A violência consegue paralisar a criança e distorcer o fato - é como se ela fosse culpada - então, eles fazem uma lavagem cerebral para que ela não conte.

Nas minhas palestras sempre coloco uma frase que acho muito legal porque as pessoas costumam dizer: "É um monstro esse cara que fez isso". Na realidade, esta é a frase: "Monstros não se aproximam de crianças; homens gentis, sim". É para a gente pensar. Eles são homens comuns, a gente tem que ficar de olho. As crianças dão dicas.

A importância da conscientização - Eu sempre falo que a conscientização é o primeiro passo para a gente poder sair do problema, ou não entrar. O que a gente queria, o nosso objetivo, seria que as crianças nem chegassem para a gente, que houvesse uma prevenção e não chegasse no ponto

que está lá. Se os pais souberem mais e tiverem mais contato com o material, acho que terão mais chance de evitar.

Nesse contexto da importância da conscientização tem o segredo. Na violência entra tudo isso - o segredo, a vergonha, a culpa e o silêncio. Tem uma frase que, para nós que trabalhamos com violência sexual, deixa a gente de orelha em pé. "Por que ela não falou antes"? Quando você pergunta isso para a criança, ela se sente mais culpada ainda. Se ela não falou foi porque não conseguiu. Então, tem muita gente que pergunta: "Mas você gostou"? Não, porque ninguém gosta de ser vítima de violência. Portanto, esse tipo de pergunta não deve ser feito porque a criança é, mais uma vez, a vítima, é outra violência. Então, a gente nunca deve perguntar isso.

Antes de vir para cá eu estava vendo um filme, O Conto, que retrata um abuso sexual. Eu não terminei de ver, mas a mãe acha uma carta dela quando era pequena e começa a descobrir. Aparecem cenas do passado e de agora. E a mãe, chega uma hora, pergunta para ela, já adulta: "Mas você gostou? Porque você não falou?" Ouvimos muito isso em casos de violência, e a gente é meio chata com isso. Meio, não, muito. A gente sabe o quanto isso machuca a criança.

Elas guardam o segredo por medo, por conta das ameaças. Se elas falarem, muita coisa pode acontecer. E manipulação: eles manipulam para que as crianças mantenham o silêncio e para que a agressão se perpetue. Então, precisamos prestar atenção para não revitimizar a criança.

Vergonha e culpa - Todas sentem vergonha e culpa. É interessante ver como a violência funciona. O cara violento e a culpa é dela - a culpa é da criança ou do adolescente. Na realidade, a culpa é dele. Eu falo para as crianças. Elas falam: "Ah, mas eu sou culpada". Eu falo: "Não, você não é culpada, você é uma criança, o culpado é ele". Então, ela tem vergonha porque acha que pode ser julgada,

e isso acontece. As pessoas julgam. Então, temos que tomar cuidado com a maneira como falamos com uma criança que sofreu violência.

É submissão, não é consentimento - A criança ou adolescente não tem condições de consentir, como em outro filme que eu já falei, "Confiar", que trata de uma menina de 13 anos que se relaciona com um cara de 40 anos, na internet, e aí acontece exatamente como nos casos que aparecem no Hospital Pérola Byington. A criança acha que gosta dele, acha que está querendo, mas quando se deu conta de que era violência o que ele fazia com um monte de outras meninas... é uma parte bem interessante para vermos como funciona. É uma atividade exploradora, forçada e imposta. A criança não quer, nem o adolescente.

Silêncio - Elas mantêm silêncio por conta do que acontece. Porque se elas contam, desorganiza a família: a mãe tem que sair de casa com as crianças, ou o pai sai. Quando é intrafamiliar, fica uma parte da família do lado do agressor e elas se sentem muito mal quando não acreditam nelas. Elas não contam por conta disso, para não estragar a família. Acha que a culpa é delas. E eu sempre falo: "A culpa não é sua, quem fez foi ele, e não você". Elas se sentem acuadas e muitas vezes não identificam o abuso. Tem uma criança que eu atendo que passou por violência desde que nasceu. Ela tem sete anos e não consegue ver que aquilo não é certo. Acha que tem culpa e que aquilo faz parte da vida dela. Então, no processo terapêutico a gente está tentando ver se ela resgata a infância perdida, se volta a brincar, porque ela não é uma mulher, é uma criança.

Que abuso é esse? Quem a gente tem de responsabilizar não é a criança. Eu tentei pegar com as crianças que eu atendo as dicas que elas dariam para os pais a respeito do que elas passaram, para que outras crianças não passem o mesmo. Então, uma me falou: "Olhem mais para mim do que para o celular. Não se faça de cega, a gente

dá brecha". Essa é uma adolescente de 17 anos que passou pela violência do pai dos 6 aos 11. A outra falou: "Meu pai era um homem bonzinho, por isso que ele conseguiu enganar. Ele confundia muito a gente". Essa é uma criança de 7 anos que sofreu abuso do pai desde que nasceu, junto com a irmã, dois anos mais nova. Esse é um pai muito bonzinho, e ele confunde muito. "Damos pequenos toques para mostrar quando não está tudo bem. Exemplo: quando eu não queria ir para a casa do meu pai". Esse é um menino de 13 anos que sofreu abuso do pai num episódio, mas que tem consequências gravíssimas. E essa, que eu acho que é a que mais me tocou. "Se perguntassem o que estava acontecendo, eu teria contado antes". Então, a gente tem que perguntar. Essa é uma menina de 13 anos abusada pelo pai desde a infância. Essas são as dicas das crianças que eu acho superimportantes, porque elas mesmas falaram. Eu só dei uma modificada para não ficar exatamente como foi, para preservar a ética.

Então, é o que a gente veio fazer aqui – pensar em ações preventivas. A gente gostaria de não ter essa demanda que tem, que é grande – somos sete psicólogas, quatro assistentes sociais, e a gente não dá conta dos casos que chegam. São muitos, inclusive casos em que o agressor é o pai. São mais graves, fica um pouco mais de tempo, e aí não tem a possibilidade de entrada de outros para a psicoterapia.

Ações preventivas – Precisamos pensar na educação sexual. As pessoas têm uma falsa ideia de que educação sexual é ensinar as crianças a ter relação sexual – mas não é. Isso jamais poderíamos fazer. Estamos lutando contra isso. A educação sexual seria proteger as crianças e adolescentes contra a violência sexual, envolvendo adultos responsáveis pela sua educação. É uma coisa da família, da escola, dos serviços de saúde, da comunidade. Precisamos pensar em estratégias para proteger.

Agora, vou dar umas dicas em relação à idade, o que deveríamos fazer com as nossas crianças próximas – filhos, netos, sobrinhos, parentes e conhecidos.

De 18 meses a 3 anos – A gente tem que ensinar o nome das partes do corpo. A gente não tem olho, não tem orelha, não tem boca? A gente tem órgãos genitais também. Isso tem que ser explicado, porque quando você pula, você está mostrando para a criança que aquilo é uma coisa muito ruim e se acontecer alguma coisa ela não vai falar, porque aquilo é proibido, não pode nem falar o nome.

Dos 3 aos 5 anos – Conversar sobre algumas partes privadas do corpo. Aí já pode começar a falar: não deixe ninguém tocar nas suas partes íntimas, se alguém tocar você me fala. Porque, como eu falei, é menos pior um episódio do que uma violência de repetição, em que a criança passa anos sendo abusada.

De 5 aos 8 anos – Ensinar sobre o toque do sim e o toque do não. Eu coloquei isso porque a gente trabalha com um livro da Caroline Arcari que se chama Pipo e Fifi. Esse livrinho explica sobre o toque do sim e o toque do não. Por exemplo: pode atravessar a rua e dar a mão para um adulto? Sim. Pode fazer carinho na cabeça para dormir? Sim. Tem várias ilustrações que mostram para a criança o que pode. E aí começa o toque do não. Pode fazer carinho em segredo? Não. Pode forçar a sentar no colo sem você querer? Não. A gente tem que explicar o que pode ou não pode, é superimportante. E pedir para que, se acontecer alguma coisa, ela fale, porque a tendência de guardar o segredo é muito grande.

Dos 8 aos 12 anos – Tem que discutir com as crianças conceitos e regras de conduta social, de como agir com os coleguinhas, o que é certo e o que é errado, de não fazer com o próximo aquilo que ele não quer que faça com ele e orientar mais nesse sentido. Com adolescentes

a gente tem que monitorar o uso da internet, a situação de risco. A gente sugere, por exemplo, que a o computador fique num lugar de passagem da casa. Se o adolescente minimizar a tela, vamos ver o que está acontecendo. Porque aparece muito no hospital violência sexual que acontece pela internet. Elas conhecem gente pela internet, acabam se encontrando, são estupradas, e ainda podem vir a ter uma gestação indesejada por conta disso. Na balada com o "Boa Noite Cinderela", em que elas apagam e acordam gestante sem saber onde foi. Tem os intrafamiliares. É basicamente isso. Na internet é bem grande o risco, então temos também que usar aplicativos, bloqueios dos sites que são perigosos.

E o mais importante eu acho que é o diálogo – conversar com eles, porque o diálogo é tudo. É o exemplo. Se a gente fica o dia inteiro na internet, não pode falar para os adolescentes que não podem ficar na internet. A gente aprende mais pelo modelo do que a gente falando. E eu concluo com esta frase da Simone de Beauvoir: "Quando se respeita alguém, não queremos forçar a sua alma sem o seu consentimento". Nem o corpo, a gente não deve forçar nada.

IVANI BOSCOLO: Obrigada, muito bom! Alguém tem uma pergunta? Quem quer começar?

ANA PAULA BRASIL: Eu sou de Santo André e tenho uma pergunta para a psicóloga. No caso de crianças com deficiência intelectual, como devem ser abordadas para saber onde foi o abuso, principalmente entre aquelas que não verbalizam. Como vocês conseguem captar isso?

ÂNGELA LUPO: Pelos sintomas que elas trazem. De repente, a criança ou adolescente fica hiperssexualizada, ela demonstra pelo comportamento. Mas depende também do grau de deficiência.

BEATRIZ PAKRAUSKAS: Muitas vezes um adolescente que tem deficiência fala assim: "Vem aqui, põe a mão em mim, faz uma coceguinha". O abusador dá outros nomes para as coisas que ele faz. Então, quando a criança pede que alguém o toque, você sabe que alguém já violou esse espaço. E mesmo de criança. Existe uma fase – isso a Ângela pode falar – em que ela conhece seu corpo, mas nunca vai pedir para outra pessoa tocar. Se ela pedir para outra pessoa tocar o corpo, já fez o toque do não.

MARIA DEL CARMEM: Eu sou de Santana do Parnaíba. O que eu percebo e procuro ler nas crianças – e isso eu lia nos meus filhos e leio também nos meus netos – são as brincadeiras. Por exemplo: se o papai brigou com a mamãe, a boneca também vai brigar. Se a professora fez alguma coisa, você não consegue fazer ele dizer se na escola foi legal, mas nas brincadeiras você vê se foi, se brigou com o amiguinho. Então, acho que é bom observar de longe, sem a criança perceber, a criança falar com um bonequinho ou com outro personagem imaginário do mundo dela. Acho que é um momento importante para a mãe observar, sem ela perceber, porque aí a criança revela, ela reproduz.

ÂNGELA LUPO: O trabalho da psicoterapia é com brinquedos e elas reproduzem mesmo a violência nas brincadeiras. Elas contam a historinha do que aconteceu. Isso, quando elas não contam falando realmente como isso aconteceu para nós, mas é porque elas já chegam numa outra posição. Elas já chegam depois da revelação do segredo. Antes da revelação tem que realmente prestar atenção em tudo.

IVANI BOSCOLO: Eu queria saber se lá no Hospital Pérola Byington vocês desenvolvem algum tipo de trabalho com alguma comunidade, com as

mães e os pais das prováveis crianças que eventualmente podem ser abusadas. Existe algum tipo de trabalho assim?

BEATRIZ PAKRAUSKAS: Não, não temos trabalho em comunidades porque a área da Saúde está dividida em ações. A primeira ação primária é a preventiva, seria da AMA, da UBS. Nós estamos no terceiro grau, estamos num serviço especializado. É por isso que não atuamos nas comunidades.

IVANI BOSCOLO: Uma lástima. Esse tipo de trabalho é que deveria ser feito, porque evitaria bastante.

BEATRIZ PAKRAUSKAS: O que nós temos pensado, mas só em pequenos grupos, é em como capacitar outros profissionais - o profissional que está lá na ponta, que está atendendo a mãe na UBS, o que está lá na fila de espera, entregando a senha. Capacitar essas pessoas para que elas possam ter um olhar diferenciado.

IVANI BOSCOLO: Nossa, você está falando nisso e estou pensando em outra coisa. De alguma forma fazer uma cartilha e distribuir em escolas. Eu fiz isso uma vez com civismo. Fiz uma cartilha e a Editora Abril publicou, falando sobre a importância de a criança entender o que é civismo. Depois, eu fiz outra sobre o lixo. Não se joga lixo na rua. Lugar de lixo é no lixo. Agora, eu estou aqui e a gente podia fazer alguma coisa para isso, sobre a violência, mostrar para a criança tudo isso que você explicou aí, colocar numa cartilha de uma maneira ilustrada para criança, para distribuir em escola. Não é um bom projeto? Olha, a gente pode pensar nisso.

rita de cássia: Fui assistente social durante 33 anos. Eu sentia - e pelo que parece isso ainda continua - uma necessidade muito grande de tra-

balhar a família. Eu atendia muita mãe que o pai abusava e para ela não ficar sozinha, abandonada, ela permitia. Isso existe. Vocês estão aí com esse número alarmante, então é preciso realmente ser feito um trabalho muito sério, não só a cartilha. Começar com a cartilha, que é essencial. A mãe tem que ser ensinada, orientada, aprender a discutir isso dentro da família, porque até dentro da família da gente isso pode acontecer, mas temos vergonha de conversar porque não sabemos como abordar. Temos vergonha de ir atrás, de conversar, enfim, buscar uma orientação. Isso é essencial, é vital. É muito importante, porque a gente nem faz ideia do que pode estar acontecendo.

BEATRIZ PAKRAUSKAS: É muito importante a gente entender que existem perfis de família. Esse perfil de família é tradicional de família incestuosa. Existe o perfil da mãe incestuosa. E o agressor não é um agressor sozinho dentro de um conjunto, numa família incestuosa. É importante perceber uma série de coisas que são comuns.

ROGÉRIO SCHMITT: Sou cientista político e consultor aqui do Espaço Democrático. Existe algum estudo sobre o perfil do agressor? Por exemplo, uma coisa que me ocorreu: o agressor também ter sido vítima de abuso na infância. Então, você gerar uma reprodução de uma geração para outra. Tem algum estudo, no Brasil ou em outro lugar, que faça esse tipo de indagação não sobre o perfil da vítima, mas o perfil do agressor?

ÂNGELA LUPO: Tem a questão da violência transgeracional, a tendência à repetição até três gerações. Então, quem tem histórico de violência pode vir a repetir. Eu atendo casos no meu consultório, de pessoas que sofreram violência e conseguiram se controlar com os filhos, mas tem muita gente que não consegue. Eu gostaria de fazer um trabalho sobre o perfil do agressor, temos

falado sobre isso. O perfil do agressor sob a ótica da vítima, como ela o vê, até para dar recurso para as pessoas perceberem melhor quem está perto, como a criança o vê, como a mãe o vê. Mas tem trabalhos da violência de repetição mesmo. Não trabalhamos com o agressor, só com a vítima. O agressor nem chega perto da gente.

BEATRIZ PAKRAUSKAS: É interessante que ele não se vê. Então, às vezes ele aparece lá no ambulatório, se identificando como o pai da criança. Aí você olha, vê quem é o agressor no boletim. "Eu quero saber como está o tratamento do meu filho". E agora, o que a gente faz?

ANA PAULA BRASIL: Eu perguntei sobre a questão de pessoas com deficiência um pouco mais severa. Alguns dias atrás recebi o caso de uma mãe - porque a gente tem um grupo de mães em Santo André que trabalha com crianças com deficiência - e ela relatou o fato. Ela foi inclusive lá no Pérola Byington com o filho, que foi agredido, molestado dentro da perua escolar. Aconteceu em vários dias. Ela só ficou sabendo porque um coleguinha, que verbaliza, contou. Aí eu fiquei pensando como é que um profissional dentro do Pérola Byington, que é um hospital, ou qualquer outra instituição, consegue visualizar isso. Porque nós, mães, às vezes quando eles são adolescentes, estão entrando na puberdade, começamos a ver que começam a se tocar, a se descobrir, e aí fica difícil identificar o abuso de um molestatador.

ÂNGELA LUPO: E você consegue perguntar quando ele está se tocando, o que está acontecendo?

ANA PAULA BRASIL: Ele não verbaliza.

ÂNGELA LUPO: E ele fica perto de alguém, normalmente?

ANA PAULA BRASIL: Esse fato aconteceu com uma mãe. E eu pergunto: como eu posso explicar isso para os pais dessas crianças que não verbalizam?

ÂNGELA LUPO: Seria através do comportamento.

ANA PAULA BRASIL: Porque às vezes eles têm um comportamento muito difícil, muito severo e a gente não consegue identificar isso. Só quando alguém fala, alguns amiguinhos observam. A gente vai observando uma coisinha ou outra, mas só quando já está num nível muito avançado.

ÂNGELA LUPO: A gente tem que ficar de olho porque eles sempre dão indícios. Sempre. De alguma forma eles falam, mesmo que eles não falem por palavras

ALDA MARCO ANTONIO: Deixa eu falar um pouquinho para dizer qual foi a nossa preocupação quando a Ângela me propôs esse assunto. Eu não podia ter uma oferta melhor. Porque nós estamos - pelo menos eu e as mais antigas, com mais de 50 anos de militância com as mulheres - tentando fazer com que sejam fortes. E nós ouvimos depoimentos aqui de companheira que foi abusada pelo pai na infância e foi maltratada pela mãe, porque a mãe achava que ela roubou o pai. Quando acontece isso, a tragédia é dupla. E essa mãe, quando faz isso, é uma pessoa altamente despreparada, sem noção da vida, sem noção de nada. Então, a nossa luta é para que as mulheres sejam fortes, entendam o seu papel e saibam o que é uma criança. É uma coisa extraordinária. Quando me convidaram para ser secretária do Menor aqui do Estado de São Paulo, lá no começo da década de 1980, eu também não sabia o que é uma criança. Não sabia. Criança é um ser completo, só que é um ser que precisa de proteção integral e



de formação integral. Quem é que vai fazer isso com a criança? São os adultos. E quem é o adulto que fica mais próximo da criança? É a mulher. E depois de 50 anos de militância vemos pequenos avanços. Mas a questão da mulher continua ruim e é isso que temos que reconhecer. Nós damos alguns passos, as mulheres avançam e a gente se depara com tragédias novamente, com mulher que apanha oito anos antes de morrer dentro de casa e não busca ajuda, de mulheres que sentem que a filha está sendo abusada e o menino também está sendo abusado e não tem forças - não é nem coragem - para buscar ajuda. Porque violência é uma coisa muito forte. Quem sofre violência, em primeiro lugar, se sente fraca. Ela precisa se apoiar em alguma coisa, em algo externo.

Hoje eu quero agradecer mais uma vez à Ângela e à Beatriz. Fiquei muito emocionada o tempo inteiro, porque essas tragédias foram passando pelas minhas mãos. E eu conheci o que era criança na Secretaria do Trabalho, quando descobrimos escravos, crianças escravizadas. E por isso que o (Orestes) Quércia forçou a barra para eu ir para a tal da Secretaria do Menor. Eu falei para

ele: "Pelo amor de Deus, não sou mãe, nunca peguei uma criança no colo, o que eu vou fazer numa secretaria dessa?" Mas eu tinha descoberto os escravos, eu estava tocada por algo que mudou completamente a minha vida. Quero mais uma vez agradecer a presença de vocês aqui e falar para as nossas companheiras que esse assunto não pode se esgotar aqui. Nós temos que fazer uma cruzada em defesa das crianças, mas para salvar as mulheres, porque as mulheres estão sendo assassinadas e não precisa de arma de fogo. As mulheres estão sendo assassinadas com machadinha na cabeça, com marteladas, com os dedos, com as mãos, asfixiadas. E a gente precisa salvar as mulheres para que elas defendam os seus filhos. Porque uma mulher forte, bem resolvida, vai entender que aquela criança precisa de defesa, ela vai se defender e salvar os seus filhos. Portanto, achei essa tarde fantástica. Quero agradecer a presença de todas e agradecer aos companheiros, os homens que vieram ouvir um assunto tão importante que não é da mulher, nem do homem, é de toda a humanidade. Muito obrigada.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Cláudio Lembo Georgiano Neto José Paulo Cairoli Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Diego Andrade Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	--	--

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2019 - "Abusos sexuais e a violência contra crianças e adolescentes"
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD) Twitter: [@espdemocratico](https://twitter.com/espdemocratico)
 Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
 Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br